

Professor chorão: ensinando choro na escola

Comunicação

Guilherme Araújo Villela
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
guilherme.araujovillela@hotmail.com

Helena Ester Munari Nicolau Loureiro
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
hloureiro@uel.br

Resumo: Este é o relato da pesquisa em andamento, realizada em integração com o estágio obrigatório da licenciatura em Música e o programa Residência Pedagógica. O tema é o ensino do choro no contexto da escola de Educação Básica. O objetivo principal da investigação é contribuir para a que a escola possa constituir-se em espaço possível de ensino e aprendizagem do choro, preservando suas características essenciais, mesmo que o processo não reproduza o da transmissão musical e tradição oral. A metodologia adotada consta de tomar-se a prática pedagógica como processo investigativo. O desenho metodológico constitui-se de três etapas, a saber: (1) revisão de literatura e planejamento de ensino; (2) prática de ensino; (3) análise e discussão dos resultados da prática de ensino. Para a realização da segunda etapa, têm-se em vista o modelo CLASP para o ensino de Música e a Metodologia de Grupos Multisseriais de Estágio e Prática de Ensino (GMEPE).

Palavras-chave: Choro, GMEPE, Residência Pedagógica.

Introdução

O presente trabalho constitui-se do relato da pesquisa em andamento, exigida como pré-requisito para a graduação no curso de licenciatura em Música na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Aqui, o pesquisador optou por integrar a pesquisa relativa ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o estágio curricular obrigatório, realizado no contexto do Programa Institucional de Residência Pedagógica (RP). Trata-se de pesquisa, de caráter qualitativo que tem como tema o ensino do gênero musical Choro no contexto da escola regular. Com duração de nove meses, iniciou-se no mês de março com previsão de término até novembro de 2019. A primeira etapa da pesquisa, realizada no primeiro semestre letivo, consta de revisão de literatura e preparação para a pesquisa de campo. A segunda e a terceira etapas acontecem no segundo semestre, durante a realização do estágio obrigatório, em que

o pesquisador deve ministrar aulas de música a uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental, numa escola da Rede Municipal de Ensino de Londrina. As duas últimas etapas consistem no trabalho de campo e envolvem a prática de ensino e a análise dos resultados. Todo o processo investigativo realiza-se no contexto de imersão na escola, parte fundamental da ação do licenciando na RP. Assim, o estudante pesquisador em questão é também estagiário e residente. Para efeito de continuidade da redação, neste trabalho será denominado apenas por “estagiário”.

O interesse do estagiário pelo tema vem de sua experiência como músico envolvido com a prática do choro: participando de rodas, oficinas e tocando repertório em grupos de “chorões” da cidade, estudando bandolim – instrumento característico do gênero – e desenvolvendo-se na improvisação, entre outras atividades correlatas. Ao ver-se diante da oportunidade de ensinar música na escola por meio do estágio e como bolsista de RP, encantou-se pela possibilidade de ensinar choro às crianças, no contexto escolar. Passou, então, a refletir sobre como poderia ser realizada tal tarefa, uma vez que a tradição de ensino e aprendizagem do choro é de transmissão musical e oral. Nesse contexto, define-se a presente pesquisa.

Choro - um gênero musical brasileiro

Reconhecendo no choro um elemento significativo da cultura musical do Brasil, é legítimo considerar seu ensino na escola como forma de garantir sua conservação e acesso às gerações futuras. Sobre ele, destaca-se o que se segue.

Origens

O choro surge por volta de 1870 no Rio de Janeiro. Quem o tocava, na maioria das vezes, eram músicos amadores e funcionários públicos. Os “chorões” – como ficaram conhecidos – desde o início consideravam que os botequins eram os locais perfeitos para aprender-se e internalizar-se o gênero, por serem ambientes de características espontâneas e informais. Neles, tocavam por simples prazer, misturando danças europeias, como polca e

valsa, juntamente com ritmos afro-brasileiros. Assim nasce o choro, primeira música urbana genuinamente brasileira.

Nos bares da cidade aconteciam as famosas “rodas de choro”. Os conjuntos de choro, ou regionais, eram formados, geralmente, por músicos que tocavam flauta, violões e cavaquinho. Posteriormente, foram incorporados também o pandeiro, que trouxe um maior balanço, o bandolim solista e um violão de sete cordas. Além desses, que formam o conjunto básico do chamado “regional de choro”, uma série de outros instrumentos solistas podem fazer parte da roda, tais como violino, clarinete, saxofone, trompete, trombone, acordeon e piano (CAZES, 1999).

A improvisação sempre foi condição básica para um bom chorão. Cada nota tocada tem sentido próprio, sempre quer dizer algo a mais. Aprender a tocar uma peça de choro não é apenas aprender a música, a peça em si, mas vai muito além disso. É preciso sentir, internalizar, ter conexão com quem se está tocando e depois fazer com que a música flua com certa paixão. Para os chorões o choro não é apenas um gênero musical, é também uma maneira de tocar.

Ensino e aprendizagem

Aspectos muito importantes no processo de ensino e aprendizagem do choro são a transmissão musical e a oralidade. Os músicos aprendiam e aprendem a tocar nas rodas de choro, observando pessoas mais experientes, bem como diferentes interpretações de cada músico na roda. Com o tempo e o surgimento das gravações, passou-se a aprender também a partir da escuta das músicas gravadas em LPs – prática conhecida como “tirar de ouvido”.

É importante observar que “as culturas de tradição oral apresentam, em suas formas de transmitir saberes, caminhos que se delineiam por rumos inter-relacionados com que cada universo concebe e estabelece como fundamental” (QUEIROZ; SOARES; GARCIA, 2007, s. n.). Entre culturas orais diversas, cada uma faz o seu enfoque e filtra as prioridades para o ensino de determinada tradição.

No contexto da sociedade urbana atual, a tendência é a de que as tradições venham a se modificar ou mesmo se perder, já que a oralidade e a transmissão pela prática são suas maneiras de conservação. Assim, o choro – bem como outras práticas tradicionais de nossa

cultura – corre o risco de se tornar gradativamente desconhecido ou inacessível para as novas gerações. Nesse contexto, cabe pensar em como a escola, enquanto espaço formal de transmissão de cultura e saberes constituídos, pode e até mesmo deve contribuir para a manutenção desse e de outros elementos importantes da cultura brasileira. Desta inquietação definiu-se a questão de pesquisa: tendo em vista o modo de transmissão do choro na cultura popular, de que maneira seria possível ensiná-lo no contexto de sala de aula, na escola regular?

A pesquisa

Tendo em vista o contexto e a questão de pesquisa apresentados anteriormente, foram definidos os objetivos e o desenho metodológico para a investigação. Como objetivo geral, esse estudo pretende contribuir para a que a escola possa constituir-se em espaço de ensino e aprendizagem do choro, preservando suas características essenciais, ainda que o processo não reproduza exatamente os da transmissão musical e da tradição oral. Entre os objetivos específicos, destacam-se: (1) elaborar unidades didáticas que tenham como tema o choro e sejam apropriadas ao ensino de música nos anos iniciais do Ensino Fundamental; (2) criar e selecionar atividades e repertório específicos para o ensino do choro na escola.

A abordagem metodológica escolhida é de caráter qualitativo e consiste em tomar a própria prática pedagógica como processo investigativo. O desenho metodológico constituiu-se de três etapas, explicitadas a seguir.

Primeira etapa: consiste da revisão de literatura e planejamento de ensino. O foco definido para a revisão de literatura é o ensino de gêneros tradicionais brasileiros, especialmente no contexto da escola. No processo de planejamento, devem ser produzidas unidades didáticas correspondentes a oito aulas de música semanais, com duração de cinquenta e cinco minutos cada uma, a serem ministradas a uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Arthur Thomas, em Londrina, onde é realizada a Residência Pedagógica do curso de Música da UEL.

Segunda etapa: envolve a prática de ensino propriamente dita, a atuação do estagiário junto aos alunos do quinto ano, em atividade de direção de classe. Nesta etapa, ele

deve ministrar as unidades didáticas planejadas, em situação de estágio realizado segundo a Metodologia de Grupos Multisseriais de Estágio e Prática de Ensino - GMEPE¹ (LOUREIRO, 2013; 2014), com supervisão direta.

Cada GMEPE é constituído por oito estudantes dos quatro anos do curso [de Música], sendo dois de cada ano, do primeiro ao quarto, e um professor supervisor, da área de Educação Musical. Os membros dos GMEPE reúnem-se semanalmente nas escolas que constituem os campos de estágio do curso. Ali, realizam diversas atividades relacionadas à prática de ensino e inerentes a ela, desde a discussão de literatura específica até a direção de classe, passando pelo planejamento de ensino e preparação de material didático, sempre com supervisão direta (LOUREIRO, 2013, p. 18).

A dinâmica dos GMEPE oportuniza que todo o grupo colabore com o estagiário que ministra as aulas, para o desenvolvimento das atividades em classe. Essa atuação em equipe, com funções definidas, é importante para que possam ser experimentadas propostas de diversas modalidades de experiência musical, envolvendo criação, performance, apreciação musical, movimentação corporal, entre outras, que o estagiário sozinho, normalmente, não teria condições de realizar.

Durante as aulas ministradas pelos estagiários do terceiro e do quarto, todos os membros do GMEPE permanecem dentro da sala de aula. Assim, aqueles realizam atividade de direção de classe, e os demais participam das atividades propostas de diversas formas. Entre essas formas de participação estão aquelas de participação direta – realizando mesmo as atividades que são propostas aos alunos, como cantar, tocar, movimentar-se, participar de jogos, entrar nas rodas cantadas, etc. – ou então auxiliando o estagiário que dirige a aula – coordenando pequenos grupos quando a turma se divide, tocando seu instrumento para acompanhar o canto dos alunos ou uma atividade de movimentação, organizando a turma na realização de algum jogo de percepção ou atividade de criação, enfim, fazendo o papel de professor auxiliar (LOUREIRO, 2013, p. 19).

Ainda que esta não seja exatamente a situação que o licenciando encontrará na sua atuação a partir de formado, a Metodologia de GMEPEs vem funcionar como uma espécie de laboratório de pesquisa em ensino, no qual ideias e propostas didáticas podem ser criadas,

¹ A sigla GMEPE é atribuída tanto para a expressão “Grupos Multisseriais de Estágio e Prática de Ensino”, no plural, quanto para o singular “Grupo Multisserial...”. No uso cotidiano, estabeleceu-se também “GMEPEs” (com “s” no final) para o plural e “GMEPE” para o singular.

colocadas em prática e testadas com a colaboração de pares. Para a pesquisa em questão, em que se deseja investigar uma proposta específica de ensino, trazendo para a sala de aula algo que originalmente é aprendido na cultura popular, a disponibilidade desse laboratório faz diferença.

Terceira etapa: envolve análise e discussão dos resultados da prática de ensino. Uma vez realizada tal prática, toma-se como resultados os dados relativos às informações sobre a avaliação da aprendizagem dos alunos do quinto ano, ao qual devem ser ministradas as aulas de música pelo estagiário. A coleta de dados deve dar-se por meio de observação participante, com registro das aulas em diário de campo e em vídeo. Para o registro, deve-se contar com a colaboração dos demais membros do GMEPE. A análise desses resultados deve ser confrontada com os planos de unidades didáticas planejados e, em seguida, discutidas.

Prática pedagógica

Modelo CLASP

O ponto de partida para a elaboração da proposta pedagógica definida nesta investigação é o modelo CLASP de ensino de música (SWANWICK *apud* FRANÇA; SWANWICK, 2002). Swanwick propõe que o ensino de música tenha por base as principais categorias de experiência musical, a saber: composição, apreciação e *performance*. Propõe, ainda, que elas sejam complementadas por estudos acadêmicos – que chamou genericamente de “literatura” – e por aquisição de habilidades técnicas (em inglês: *skills acquisition*). Tudo isso ficou sintetizado por meio da sigla C (l) A (s) P ou CLASP, que identifica sua proposta metodológica para o ensino de música: C – Composição; (L) – Literatura; A – Apreciação; (S) – *Skills* (técnica); P – Performance.

Nessa proposta, o ensino de música deve dar-se por meio da vivência musical, abordando-se a música criada pelos próprios alunos e da cultura. Em outras palavras, o que se propõe é que o aluno esteja sempre fazendo e relacionando-se com música, e não somente com o conhecimento sobre música. Que aprenda música musicalmente (FRANÇA; SWANWICK, 2002).

Assim, é possível considerar que o modelo CLASP seja apropriado também para o ensino do choro no contexto da escola regular. Ainda que a proposta valorize em especial a experiência da composição, o fato de estar essencialmente relacionada à noção de música como linguagem e à produção musical como discurso, defendida por Swanwick (2003), permite imaginar sua integração ao ensino e aprendizagem de gêneros de tradição oral em ambientes de educação formal. Nessa hipótese, seria possível sistematizar-se uma contribuição da escola regular para a manutenção desse autêntico gênero musical brasileiro.

Antecedente

Durante o primeiro semestre de 2019, a turma à qual será ministrada a proposta pedagógica envolvida por esta investigação vem participando de aulas de música dirigidas pelo outro estagiário² do quarto ano deste GMEPE. Por sua vez, ele também priorizou o ensino de gêneros brasileiros, como o maracatu e o samba, por meio da vivência musical. Essa experiência anterior, pela qual os alunos vêm sendo conduzidos, ao finalizar-se e ser avaliada, deve trazer subsídios efetivos para o planejamento que faz parte da primeira etapa desta pesquisa. Além disso, já é possível perceber o envolvimento e a motivação dos alunos para a realização das atividades musicais propostas nas aulas, o que também tende a facilitar a continuidade e a investigação, no segundo semestre.

Construindo a proposta pedagógica

O objetivo de ensino para as unidades didáticas que constituem a segunda etapa desta pesquisa é que os alunos conheçam e vivenciem o gênero choro de forma prática, podendo expressar-se musicalmente por meio dele. A metodologia de ensino deve basear-se na integração das ideias de Swanwick (*apud* FRANÇA; SWANWICK, 2002) expressas no modelo CLASP e atividades inspiradas nas rodas de choro, nas quais se aprende o choro informalmente.

² Este segundo estagiário do quarto ano do GMEPE é também bolsista de Residência Pedagógica e vem desenvolvendo a mesma ideia de investigação, a partir de sua prática pedagógica no estágio.

Até o momento da finalização deste artigo, vêm sendo selecionados materiais didáticos, atividades e ideias que devem fazer parte das unidades didáticas a serem ministradas, tais como:

- Realização de roda de choro em sala de aula, por “chorões reais” (a começar pelo estagiário regente), para promover o contato dos alunos com o gênero em sua autêntica expressão, seguida de conversa sobre o que foi vivenciado;
- Apresentação dos instrumentos utilizados no gênero (violão de 7 cordas, violão 6 cordas, cavaquinho, bandolim, flauta, pandeiro, clarinete, saxofone, piano e acordeon) e suas funções;
- Abordagem de compositores representativos do gênero, tais como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Mário Alves, Zequinha de Abreu, João Calado e Waldyr Azevedo, por meio de escuta e apreciação musical de suas obras;
- Performance a partir do canto e do acompanhamento percussivo de peças de choro que, apesar de ser um gênero predominantemente instrumental, também inclui canções;
- Utilização de instrumentos de percussão simples, como clavas, ganzá, reco reco e ovinho, para acompanhamento e improvisação.

Para o canto e acompanhamento dos alunos, foram pré-selecionadas as seguintes peças: Já Te Digo (Pixinguinha), Beija Flor (Ernesto Nazareth), Carinhoso (Pixinguinha), Tico-Tico no Fubá (Zequinha de Abreu), Doce de Coco (Jacob do Bandolim) e Brejeiro (Ernesto Nazareth). O critério para a escolha do repertório teve como base a relativa simplicidade das canções. Apesar de o choro ser bem reconhecido por ter melodias elaboradas, complexas e muito densas, é possível encontrar melodias mais simples que possam ser aprendidas pelos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental.

Considerações Parciais

Apesar do estudo encontrar-se ainda na primeira etapa, alguns fatores merecem destaque e motivaram a elaboração deste trabalho. O primeiro deles é a integração da investigação que deve resultar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o estágio e a Residência Pedagógica (RP). Mesmo levando-se em conta que a RP pode ser entendida como

o próprio estágio obrigatório, que é contemplado com uma bolsa de estudos proveniente do programa, pode-se observar não poucos cursos que chegam a ter dificuldades em montar seus subprojetos. Isso porque tendem a enxergar a RP, assim como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), como uma ação “a mais” no já sobrecarregado rol de funções de professores e estudantes de licenciatura. Neste trabalho, bem como em diversos outros de estudantes do mesmo curso, fica evidente que essas ações e programas não só podem ser concebidos de maneira integrada como devem direcionar-se para isso, com vistas à melhor produtividade e aproveitamento de estudantes e docentes.

O segundo fator a ser destacado é o entendimento do estágio obrigatório enquanto campo propício para a pesquisa e do GMEPE como equipe de investigação na graduação. Este último aspecto ainda não foi explorado – até porque esta é a primeira vez que é proposto intencionalmente. Portanto, é possível que venha ainda a motivar pesquisas futuras.

Por fim, e mais importante, é o fato do estudo ter como eixo principal e conteúdo de ensino um gênero musical brasileiro, predominantemente instrumental – o choro – na perspectiva de levá-lo a crianças, alunos de escolas regulares. Espera-se que, uma vez finalizado, o trabalho possa contribuir ou, ao menos, inspirar outros professores, especialmente os chorões – de verdade ou de ocasião.

Referências

CAZES, Henrique. *Choro: do quintal ao municipal*. São Paulo: Editora 34, 1999. 2 ed.

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v.13, n.21, dez. 2002.

LOUREIRO, Helena E. M. N. Grupos multisseriais de estágio e prática de ensino. In: LIMA, Angela M. de Souza *et al.* *Diálogos entre as licenciaturas e a Educação Básica: aproximações e desafios*. Londrina: UEL, 2013.

QUEIROZ, Luís R. S.; SOARES, Marciano S.; GARCIA, Uirá C. Transmissão musical no Cavalinho Marinho infantil. In: *Anais...* Encontro anual da Associação Brasileira de Educação Musical. XVI. 2007.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.